

Sammy - Viagem

2 Brasília, domingo, 24 de setembro de 1989

CORREIO BRAZILIENSE

Na quarta parte nova os campos ara.
E se mais mundo houvera, lá chegara.
CAMÕES, e, VII e 14.

Diretor-Geral
Paulo Cabral de Araújo

Diretor-Superintendente
Edilson Cid Varela

Diretor-Responsável
Ari Cunha

Editor-Geral
Ronaldo Martins Junqueira

Gerente-Geral
Alberto de Sá Filho

Gerente Financeiro
Evaristo de Oliveira

Gerente Técnico
Ari Lopes Cunha

Gerente Comercial
Maurício Dinepi

Diálogo em Nova Iorque

O presidente Sarney encontra-se em Nova Iorque para discursar amanhã na abertura da Assembléia Geral das Nações Unidas e manter encontros com chefes de Estado estrangeiros que ali também estarão, como o próprio presidente George Bush, dos Estados Unidos. A tradição diplomática da ONU confere ao Brasil a honra de falar em primeiro lugar na fase de debates da assembléia mundial. E no caso presente há um destaque especial: esta será a última vez que Sarney comparece ao organismo internacional.

A política externa deste governo há de receber merecido reconhecimento quando o tempo passar e fizer baixar a poeira das paixões políticas e pessoais. E reconhecimento não apenas dos brasileiros mas também das demais nações, especialmente da larga faixa dos países em desenvolvimento, que passaram a encontrar no Brasil um aliado seguro e um parceiro sincero nas propostas para a discussão política da dívida externa; para a formulação de novas e mais justas regras do comércio internacional; e para a real colocação do problema da depreciação do meio ambiente, cuja responsabilidade maior cabe às nações industrializadas.

Através de suas viagens pelo mundo, inclusive nas visitas a países nunca dantes percorridos por um governante brasileiro, o presidente Sarney firmou claras posições, assinou acordos, tratados e importantes protocolos comerciais e científicos. A integração latino-americana saiu da retórica e as relações do Brasil com seus vizinhos experimentam uma nova e profunda fase de realizações. E o diálogo com os povos mais ricos do mundo intensificou-se, apesar de contratempos e de instantes de confrontos localizados em alguns setores específicos.

É nesse último item que a diplomacia brasileira continua a empenhar-se para que o maior de todos os contenciosos — o do endividamento externo — seja colocado em níveis novos. Assim, o encontro que Sarney manterá, amanhã à tarde, com o presidente Bush — após discursar na ONU — adquire um significado especial.

A rigor, é o primeiro diálogo de real sentido entre Bush e Sarney, que só tiveram até agora rápido e formal encontro em Tóquio, quando da celebração dos funerais do imperador japonês. A reunião de hoje, porém, é a oportunidade para uma troca franca de pontos de vista entre dois países que nunca deixaram de ser amigos e aliados — e que sempre souberam resolver, pelo entendimento, os inevitáveis choques de opiniões ou de interesses.

A parte a questão do meio ambiente e do combate à poluição, matéria sobre a qual dificilmente harmonizar-se-ão as posições brasileiras e norte-americanas, há todop um vasto elenco de temas a serem abordados pelos dois presidentes.

Até o sensível ponto da reserva de mercado da informática é passível de revisão, não certamente por iniciativa do atual Governo, que está nos seus últimos meses, mas até por constar da plataforma eleitoral de candidatos presidenciais que, uma vez no poder, poderiam seguir novos rumos.

Sobreleva, neste momento, a questão do apoio dos EUA à negociação justa da dívida externa brasileira. É a sua compreensão à atitude do Brasil de suspender o pagamento de amortizações, da ordem de um bilhão e 600 milhões de dólares, para não comprometer irremediavelmente as reservas nacionais. O governo norte-americano, embora não seja grande credor em relação ao débito externo brasileiro, tem inegável influência política junto à comunidade financeira para tornar mais fácil a compreensão da posição do Brasil.

O presidente Sarney, que também manterá outros importantes encontros políticos e econômicos nos Estados Unidos, certamente encontrará na sua entrevista particular com o presidente Bush, em Nova Iorque, excelente e última oportunidade para um diálogo produtivo de interesse dos dois países. A circunstância de o Brasil viver o clima eleitoral da escolha do sucessor presidencial não há de impedir que as autoridades norte-americanas deem seu aval político às providências urgentes que o governo Sarney vem adotando para entregar a casa em ordem ao futuro presidente.